

A D. C. T. está pronta a ensinar um mínimo de conhecimentos que podem constituir o seguro da vossa propriedade.

ANO IV—N.º 95
NOVEMBRO

1 9 5 6

AVENÇA



QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRÁFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44—LOULÉ—Tel. 216

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

Composto e Impresso na TIPOGRAFIA UNIÃO—Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.—FARO—Telefone 154

Sangue de mártires...

CORREM avermelhadas pelo sangue magiar, do mais precioso, as águas do Danúbio, o tradicionalmente azul das valsas de outros tempos.

E' todo um povo que se levanta, inerme em relação ao potencial do armamento pesado do opressor, para sacudir o jugo estrangeiro que o dominava desde há anos, com a cumplicidade dos traidores cuja ideologia política os leva a renegar a Pátria e a imolá-la à U.R.S.S., mãe venerada do comunismo universal.

Não hesitou o fantoche que os senhores do Krelim cuidadosamente guardavam como pedra s. bresalente do seu jogo, em pedir o auxílio do exército vermelho e depois, com promessas insidiosas da retirada das tropas russas, em conseguir um armistício para melhor massacrar os seus heróicos compatriotas, fiéis à Nação Hungara e à Pátria Magiar!

Os últimos acontecimentos parecem desmentir esta felonía mas só no fim (se fôr possível...) saberemos quando havia sinceridade.

Deus escreve direito por linhas tortas e talvez a tragédia de Buda-Pest possa constituir um claro cair de máscaras para aqueles que, numa ingenuidade muito próxima da cegueira voluntária, ainda acreditam em comunismos nacionais, nova manobra moscovita para recuperar terreno perdido nas consciências de boa-fé.

Onde estão aqueles que, no tempo do hitlerismo, de triste memória, pediam Nuremberga para os Seiss Inquarts, Quisilins, e *tutti quanti*, e se mantêm agora, aliás desde o fim da guerra, sem uma recriminação contra os sucedâneos dos *gauleiters*?

Os Gomulkas, os Nagys, os Titos, todos clara ou disfarçadamente ao serviço

(Continua na 4.ª página)

DIA DE FINADOS

A' memória dos meus pais e irmãos

MÊS de Novembro! Mês de luto e de lágrimas...

2 de Setembro! E' neste dia que a saudade nos vence e nos é doce senti-la no coração. Eis uma das ocasiões em que os factos da vida se dissolvem na nossa memória e na nossa atenção, como coisas longínquas de que a nossa alma se separa para entrar

num recolhimento profundo. Sentimo-nos mais pequenos.

Neste dia reza a Igreja pelos seus filhos que se finaram.

Os sinos doam plan-gentes levando longe o seu som lúgubre e em todas as fisionomias há a amargura, há a saudade.

Neste lutuoso dia não há

(Continuação na 6.ª página)

O Algarve e as anunciadas automotoras

REUNIU-SE em Lisboa um congresso internacional para estudo dos horários dos caminhos de ferro e nisso estávamos a encontrar a explicação para a falta de execução da promessa feita pelo sr. Eng.º Espregueira Mendes à Casa do Algarve, de que, a partir de Julho passado, se estabeleceria o anunciado serviço de automotoras para o Algarve.

Calculamos que a C. P., dada a importância que aos problemas turísticos está a ser

(Continuação na 4.ª página)

Dois espectáculos de ópera em Faro

PODEMOS, com satisfação, informar os nossos leitores de que estão bem encaminhadas as negociações entre a direcção da benemérita Casa dos Rapazes e a Juventude Musical Portuguesa para se organizarem, em Faro, dois espectáculos de ópera.

Os pesados encargos que a deslocação de Lisboa à capital da nossa provincia acarreta a deslocação dos coros completos do Teatro de S. Carlos e da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, impõem, necessariamente, a certeza prévia de que o público acorrerá em número bastante para que a Casa dos Rapazes não sofra um desaire de ordem económica.

E' certo que, trazendo a Faro dois agrupamentos artísticos de categoria dos que referimos e fazendo representar a «Cavalaria Rusticana» e a «Traviata» em que os figurantes ultrapassam a centena, a Casa dos Rapazes oferecia aos algarvios dois espectáculos do alto nível cultural, mas também é certo não seria razoável aven-

turar-se a desfalecer as suas tão oneradas finanças. Por isso convirá que os amadores da verdadeira música, da música de gente branca e de sensibilidade equilibrada, procurassem inscrever-se quanto antes para uma ou para as duas récitas.

Sabemos que o Ex.º Governador Civil, a Câmara Municipal de Faro e a Junta de Provincia, no âmbito da sua actividade cultural patrocinam e subsidiarão a iniciativa, mas como se não desloquem por 2 dias, cerca de duas centenas de pessoas a uma distância de 300 quilómetros e o enorme volume de guarda-roupa, cenários, instrumental, etc. com meia dúzia de contos de reis, parece-nos que os algarvios apreciadores deste género de

(Continuação na 4.ª página)

UM CENTENÁRIO

que mereceria ser comemorado

Passa no próximo dia 7 o terceiro centenário da morte de D. João IV, restaurador da independência nacional, facto cujo valor melhor podemos apreciar evocando o que se passa neste início de libertação da Europa Oriental.

Na História que nos ensinavam mostrava-se um Duque de Bragança pusilânime e medroso e ainda hoje se alude a que Ele teria sido determinado pela instigação da duquesa com a célebre frase «antes Rainha uma hora que duquesa toda a vida» e ainda hoje se diz terem estado os conjurados dispostos a restaurar a independência sob a forma republicana, se o Duque se não resolvesse a chefia-los.

São necessidades de propaganda política, no entanto a História vai dando à figura do Restaurador a projecção real que teve no desenvolvimento e na consolidação da independência restaurada.

Em prol do ALGARVE

Caldas de Monchique

—essa riqueza nacional

«Para progredir e voltar às suas antigas tradições, como as melhores Termas do Sul da Península, carece que se lhe aprove o seu Plano de Urbanização; da construção de um Balneário com um Hospital anexo e do apetrechamento das suas oficinas de desinfecção e de engarrafamento das águas»

diz à «Voz de Loulé» o Sr. Dr. Alberto de Sousa, Presidente da Comissão Administrativa das Termas das Caldas de Monchique

Uma entrevista de Luís Sebastião Peres

MUITO se tem escrito e falado sobre Monchique, essas ricas Termas que os Prelados algarvios valorizaram e engrandeceram; essa riqueza inaproveitada, essa «joia algarvia».

Monchique—«essa riqueza turística e terapêutica, nacional»—de que nos orgulhamos possuir, não tem sido, devida e justamente,—pelo valor que representa no património nacional—acarinhada, nem se lhe tem dispensado as possibilidades de que carece para poder ressurgir em pleno no ritmo progressivo a que tem jus.

O seu problema continua sem solução, devido a não ter

(Continuação na 5.ª página)

D. C. T.

à consciência dos leitores

OS acontecimentos trágicos da Hungria e de que a imprensa mundial nos tem trazido notícia, põem, diante dos nossos olhos, todo o drama de uma cidade bombardeada, assolada por um terramoto ou atingida pelo desencadear descomandado de forças infrenes da natureza.

Incêndios que devoram, desabamentos que esmagam, explosões que estilhaçam, feridos que gemem, moribundos que agonizam.

Dum momento para o outro torna-se necessário que todos combatam os incêndios, escorem paredes, desembarquem inundações, conduzam e tratem os feridos. O que seria essa tremenda confusão!

Quantos, na ânsia compreensível e humaníssima de acudir, não embarçarão os socorros e não apressarão a morte dum ferido deslocando-o inadvertida ou inconvenientemente!

Assim como é necessário saber-se caminhar numa cidade de intenso trânsito, torna-se hoje indispensável ter nos nossos agitados dias, elementares conhecimentos dos comensinhos problemas dos primeiros socorros.

Está oficialmente reconhecida a gravidade destes factos, mas as populações ainda se não aperceberam disso e não prestam à Defesa Civil do Território a atenção que ela

(Continuação na 4.ª página)

ANO I

N.º 2

1 NOVEMBRO

1956



Diário dum jovem poeta

Faro, 6/10/56

Cançoneta

Nasci na encosta dum monte
Numa casinha branca
Pertinho duma fonte.
Brinquei no adro da ermida
Os dias mais belos
Da minha vida...

Cresci... cresci sem querer
Lançando para o Mundo
A força do meu viver.

Tudo mudou... conheci o amor
E fiz-me Poeta
Para cantar a minha dor...

8/10/56

A música desenrola-se no espaço, e traz consigo um pouco de Esquecimento.

E com o Esquecimento, a palavra Vida aparece-me com um sentido diferente: mais bela, mais livre, mais minha, mais Vida...

Alportel, 11/10/56

Ansiedade

Para quê, todo este Sofrimento,
A quebrar a Beleza da Vida?...
Para quando o impossível momento,
De ver a meus pés, a Dor já vencida?...

Faro, 12/10/56

Rotina

Os meus dias são iguais:
as horas do escritório,
a leitura dos jornais
e o «ferry-boat» a vaguear, a vaguear,
no meu mundo ilusório
sem porto para abrigar...

Querença, 14/X/56

Um passeio pela terra que se ama, embora se já conheça palmo a palmo, é um prazer de espírito, que nos enche de Alegria e de Saudade.

Descobrem-se em cada passeio novas paisagens, mergulha-se na poesia da terra, e sente-se crescer no peito um amor inquebrantável por essas fragas duras, agrestes, despretendidas, por aquela vereda que ziguezagueia feliz à volta do monte, por aquela outra fonte, de águas puras e cristalinas que bem nos pode lembrar o nosso primeiro amor. São imagens dum écran de Saudade, que nos trazem pelos labirintos da memória, os dias despreocupados da nossa infância. Desfilam perante nós, uma série infindável de recordações, de imagens queridas que embora pertencendo ao passado, estão e estarão sempre presentes nas histórias que temos para contar, como símbolo suave dum passado que afinal, não passou inteiramente...

Um passeio pela terra que se ama, pela terra que nos viu crescer, pela terra onde edificámos os nossos primeiros castelos de ilusões, não é um passeio qualquer: é o Encontro de dois grandes amigos, de duas vidas que conhecem profundamente o significado da mais bela das palavras portuguesas: a Saudade...

Faro, 15/X/56

Tarde sem poema

Na brancura do papel,
vazio, nudez, nada...

Mas naquela varanda
há uma cantiga,
e,
por detraz da roupa ao sol estendida,
as pernas magras, verdes, duma rapariga...

Noite, 16/X/56

Eternidade

Ser Poeta é viver
a cantar e chorar por toda a gente.
E' sofrer,
e é sobretudo ser Homem,
que deixa na Vida a Semente,
que nem os bichos comem...

Num banco de jardim, 17/X/56

Só e triste
Thomas Mann, Paz de Espírito. Flores à minha volta...
Estarei realmente só e triste?...

Faro

Luís da Rocha

O meu destino

(Ao João Valladares d'Aragão e Moura)

Ando perdido e triste a vaguear
No caminho que Deus me ditou...
—Já tão longe o caminho que passou
E tão longe o que falta caminhar!

Ando perdido e triste... Mas, quem sou?
—Minha Mãe, minha Mãe, vem-me embalar...

Protege o teu menino... faz mudar
O caminho que Deus lhe destinou...

Ando perdido e triste... Tu, mulher,
Porque jantaste ao meu o teu destino
E, a meu lado, caminhas a sofrer?

Ando perdido e triste, em desatino...
—Ergo as mãos, rezo... Só Tu tens poder,
Meu Deus, para mudar o meu destino!

Loulé, Setembro de 1956

Francisco de Sousa Inês

ANTOLOGIA

Epigrama Elegiaco

A pobre mãe que em choros o velava,
«Mãe, quando é dia?» perguntava
O filhinho doente.

Engolindo o seu pranto, a mãe sorria:

«Dome... não tarda aí o dia!»

Até que o inocente

Adormeceu; mas, ai! tão fundo,

Que nada deste mundo

O acordava.

E em vão a mãe, já louca, o sacudia,

E alagava o gelado rostozinho

De lágrimas que enfim não lhe ocul-
tava...

Mãe, mas porquê tal agonia?

Pois não dizias tu ao teu filhinho

Que o dia não tardava?

Não foi o teu filhinho que morreu:

Foi o dia que enfim lhe amanheceu.

José Régio

de A Chaga do Lado

UMA QUADRA

A Vida são só dois dias...

(Lá diz o ditado antigo)

Pois a minha é só o tempo,

Que passo a brincar contigo...

CAVACO CORREIA

Menção Honrosa dos Jogos Florais
de Albufeira

Crítica de cinema

Sonho numa sala escura...

ou algumas considerações
sobre o filme The importance of
Being Earnest

É vulgarmente sabido, que o cinema inglês tem as suas características muito peculiares, originais mesmo. Este particularismo tem as suas raízes no tão discutido *British way of life*, base social duma civilização (chamemos-lhe assim) que começa a notar-se logo que, depois de atravessado o Canal da Mancha, se vislumbra os primeiros verdes, e as primeiras *cottages* da loura Albion.

O povo inglês, ainda que parecendo agarrado a um tradicionalismo demasiado austero, normalmente demasiado sério perante as fantasias da vida, dando-nos mesmo a impressão de ter cortado as relações com quaisquer espécie de futilidades, tem porém uma grande virtude, uma força única e pessoalíssima de se aproveitar subtilmente das mais difíceis e invulgares situações, para criar, sim para criar, com uma facilidade invulgar, estranha e simpática, uma das suas mais belas instituições nacionais: o tão conhecido *humour* inglês, um humor que dispensa afinal de quaisquer adjetivos.

Todos nós sabemos que é na concepção das suas obras de arte, que um povo melhor traduz a sua maneira de ser... No caso dos ingleses é flagrante o espelhamento do seu «*way of life*», nas suas obras de arte. Temos, para não citar muitos exemplos, o magicismo de Bernard Shaw, a suavidade das histórias de Oscar Wilde, a cinematografia de David Lean, de Mackendrick (o maravilhoso filme, «O Homem do fato claro», por exemplo), do próprio Archuth. Que melhor exemplo da suavidade e subtileza do humor inglês do que essa magnífica obra de Jerome K. Jerome, Três homens num bote?

Deste modo urge formular o nosso ponto de vista: achamos nós, que antes de apreciar uma obra de arte inglesa (especialmente um filme inglês) é necessário um preliminar *exercício mental*, como que uma *antevisão* da obra que vamos apreciar. E' preciso que nos convençamos que vamos apreciar uma obra de arte inglesa, portanto com todas as características que uma obra de arte inglesa pode ter. (Escrevemos uma obra de arte inglesa, não com o intuito de desviar a nossa consideração ao ponto de negarmos, um exercício mental especial, para as obras de arte de outro país).

Depois temos de ter em consideração a insosfismável verdade que diferencia o nosso cinema (queríamos dizer, o cinema europeu) do americano, por exemplo. E' que no cinema europeu, somos nós os espectadores, que temos de ir ao encontro do que se passa na tela, com o auxílio da nossa inteligência. E' preciso pois que pensemos... PENSAR...

Mas como bem dizia Fernando Pessoa:
Pensar incomoda como andar à chuva e deste modo, a mentalidade dos nossos espectadores, deturpa-se, avilta-se, e ele começa a pedir mais e mais *americanices* e *fadinhos chorrados*, do mesmo modo que pede as tais *Pampinelas*, Bi-

[CONTINUA]

Movimento Prisma

«PRISMA» aspira a mais do que a uma página num jornal. «A muito mais». Há tantas páginas, mais ou menos culturais, em tantos jornais...

«Prisma» será um movimento. Movimento Prisma, uma espécie de revolução literária e cultural, mas uma revolução sem tiros, nem gente alucinada pelas ruas, nem tão pouco publicidades desnecessárias. O Movimento Prisma será diferente e terá como cenário, como meio, como fim, a palavra «cultura». A esta palavra temos nós, os «Rapazes de Prisma» que devotar gratuitamente todo o nosso esforço, todo o nosso «saber»...

O que é preciso para que «Prisma» se transforme num «Movimento», numa espécie de baluarte da cultura algarvia? Apenas uma coisa: «que todos colaborem da melhor maneira que puderem e souberem».

Entretanto Prisma espera pela vossa colaboração, e continua a espalhar gratuitamente a sua vontade de «servir»...

Crítica & colaboração

«Prisma» criticará os livros que lhe forem enviados, e mereçam referência crítica.

Toda a colaboração enviada para «Prisma» deve ser dirigida ao seu organizador, Casimiro de Brito, por intermédio de «A Voz de Loulé».

«Loulé... em retrato» Um louletano Cultura Louletana

HÁ pessoas, e já a elas me tenho referido mais que uma vez, que, por miopia mental, ao olharem para uma destas chapas quinzenais, de «A Voz de Loulé», dizem logo: — Parece-se com F...

Não admira, é falta de vista!

Outras há que estão à espera da chapa para insinuarem que F... é o retratado.

Estas são as que pretendem dominar o ambiente, estão senhores de todos os segredos, confidências e intrigas, auto-sugestionados por uma convicção mórbida de supervisores. Não admira, veem demais!

E ainda as há, que, consagradas ao estudo novelesco e policial, vivendo numa atmosfera de fantasia e delírio, gostam de emoldurar estas chapas, dentro de um presuntivo conceito de: «Pode ser, ou não pode ser; talvez seja, ou não seja», disfarçando a sua inapetência intelectual numa afirmativa vacilante, que lhe permite acompanhar qualquer ângulo de visão para onde a conversa se encaminhe.

Estes, também não admira, são daltónicos!

Ora parece-nos que a melhor forma de ler um retrato é olhar para ele e se a pessoa que se pensa está no grupo, e está mesmo à vista, então é pela certa F...

Mas querer agora ver com intenção, subtiliza, maldade ou ignorância que está ali o que não está, parece-nos que é apenas fazer poeira.

De maneira que já me lembrei de, quando der à luz da publicidade estes retratos quinzenais, escrever como sub-título: «Qualquer pareçença ou semelhança com o original, é pura coincidência».

Mas ainda assim era capaz de aparecer alguém a dizer: «coincidência!? Isto é comigo!»

Fomos ontem ao rápido, como de costume, acompanhar ou esperar pessoa de família ou conhecido.

Claro que este acto vulgar ou trivial em qualquer parte, custa em Loulé 25\$00, se não tem automóvel seu.

Aos desprevenidos que vêm de Lisboa, custa 10\$00 ou 20\$00 por cabeça, se se metem num automóvel que ali esteja à espera dos jornais.

(Continuação na 4.ª página)

consignava-se o respeito aos laços de família e ao direito de propriedade, instituía-se a fiança para quase todos os casos crimes. Consignava-se também várias isenções fiscais e outras imunidades que, todavia, tinham mais amplitude nos concelhos do Alentejo do que nos da Estremadura e no Algarve.

Os forais do tipo de Santarém impunha a *jugada*, pesado tributo que incidia sobre os peões que possuíam casais convertidos de reguengos em forreiros. Não assim nos do Algarve.

A este respeito lê-se em A. Herculano:

«O tipo de Santarém irradiou-se largamente ao sul do Tejo e até predominou exclusivamente no Algarve: todavia a *jugada* só por excepção nos aparece

† Agradecimento

A família de Maria Guerreiro Calço, profundamente grata, vem por este meio tornar público o seu reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a saudosa extinta á sua última morada, e às que por qualquer forma exteriorizaram os seus sentimentos de pesar.

VENDE-SE

Casa de habitação, com 4 divisões e quintal, na Rua de Nossa Senhora da Piedade, 35 — Loulé.

Entrega se com a chave na mão.

Tratar com Joaquim Barrocal.

Rua José Fernandes Guerreiro. — Loulé

que não esqueceu a Terra Mãe

Faleceu no dia 2 de Agosto último em S. Petersburg — Flórida — nos E. U. A. o nosso conterrâneo sr. Manuel Eusébio Rodrigues. Vivia naquele país há quase meio século, mas nunca esqueceu a terra que lhe serviu de berço, procurando ajudar e promovendo inscrições em favor de todas as iniciativas que contribuissem para o progresso de Loulé.

A ele se deve o início da subscrição que tornou possível a instalação de Raios X no nosso Hospital e aos seus constantes esforços se deveu o magnífico resultado obtido.

Contava 78 anos de idade e era pai dos srs. Manuel Eusébio Rodrigues Júnior, residente em New-Bedford, Mass, José Eusébio, comerciante, residente em Loulé, Joaquim E. Rodrigues e Edmundo P. Rodrigues que vivem na cidade de Providence, nos E. U. A..

A família enlutada apresentamos a expressão do nosso sentido pesar.

AGRADECIMENTO

A família de António Mestre na impossibilidade de o fazer pessoalmente, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de nomes, vem por este meio testemunhar a sua profunda gratidão a todas as pessoas que de qualquer forma exteriorizaram os seus sentimentos de pesar e às que se dignaram acompanhá-lo á sua última morada.

Dá

Terra preta, apropriada para fazer horta, a tirar de um quintal sito na Rua 1. de Dezembro, desta vila.

Quem pretender dirija-se a Manuel Silvério Castro Martins.

Se é amigo

deste jornal indique-nos endereços de pessoas a quem o possamos enviar.

Faça de cada um dos seus amigos um amigo de «A Voz de Loulé».

Um concurso baizista

Prosseguindo na publicação do original recebido para este Concurso, exclusivamente louletano, damos hoje lugar a duas produções:

N.º 3—Prosa:

N.º 3—Poesia:

A nossa terra!
Que saudades
eu tenho dela!

Por «Campinense»

Todos os dias passava pela oficina do amigo, quando este depois das habituais horas de trabalho, do regulamento, resolvia fazer um prolongamento de mais duas, de sua conta.

Não saberia dizer se este prolongamento representava uma necessidade de ganhar mais, de revisão do trabalho feito, ou plano de preparativos para o trabalho de amanhã...

No entanto, sentia-se, que eram as horas mais felizes que passava no dia.

O certo é que eu também, habituei-me a aquele convívio de 2 horas, e já não podia passar sem ele.

Ali nos referíamos aos factos correntes da nossa vida, ao que se passava na nossa terra e ali entoávamos os nossos hinos de louvor a Loulé.

Como pano de fundo havia sempre 3 cenários, que davam o mote, quando o assunto era escasso:

As Batalhas de Flores; a festa da Mãe Soberana e as músicas.

Já era grande a brotoeja do futebol e das bicicletas, mas pouco nos referíamos a estas práticas desportivas, a não ser nos períodos em que o Cabrita Mealha ou o Joaquim Apolo faziam tornar conhecido, elogiosamente, o nome da nossa terra.

Levou-me a vida para longe de Loulé e uma das mais vivas saudades que senti, foi a falta destas palestras diárias com o meu amigo.

Não sei se será heresia dizer-lo! Mas eu devo confessá-lo:

Faziam-me mais falta que a própria ausência da família. E' que aquelas nossas palestras eram no fundo testemunhas eloquentes da nossa grande amizade e bairrismo pela terra que nos via nascer.

Lançado nas grandes ruas de uma capital majestosa onde tudo é grande, monumental e impressionante, faltava-me aquela íntima colaboração espiritual feita de todos os pequeninos nadas da nossa terra, o fio espiritual que prende, deleita e encanta, reunindo-nos em conjunto perfeito e harmónico, que aqui se dissolve e pul-

Saudades da minha Pátria!

Por Ilda Nogueira Cavaco
residente na República Argentina

Saudades de Portugal!
Quem é que as não terá?
Longe da terra Natal,
Toda a vida, as sentirá

Portugal, é para mim
Uma jóia preciosa
Todo ele é um jardim
Cada mulher, uma rosa!

Sua provincia algarvia!
Onde meus anos passei!...
Lá ficou minha alegria
No dia em que a deixei.

Foi nela que eu nasci
Foi nela que me criei
Foi nela que eu aprendi
Tudo de bom, que hoje sei!

Trabalho com alegria
Pensando nela, com gosto
Sonhando qu'inda um dia
Seu sol beije meu rosto

O Sol do meu Portugal
E' lindo e tem mais brilho...
Beija a todos por igual
Mesmo ao que não é seu filho!

Fui criada numa serra
Uma serrinha algarvia!
Ao recordar minha terra...
Sinto tanta nostalgia!

Por isso, eu sinto, com fé
Orgulho em ser algarvia
Do concelho de Loulé,
Onde Salir pertencia!

verisa nesta vida acelerada e de empurrão, onde não há vagar para falar sosegado, onde cada um se acotovelava na vida o melhor que pode, sem olhar no interesse do amigo, do irmão ou do parente!

Só por isso Loulé, és bom e terás sempre no meu espírito de romântico um lugar especial, uma saudade eternamente a florir.

Campinense

Loulé, 1-11-1956

Folhetim de A VOZ DE LOULÉ

Número 4

Apontamentos sobre a História de Loulé

Pelo Dr. Raimundo Ascensão

nas duas províncias meridionais. Nos forais de Estremoz, Beja, Silves, Castro Marim, Faro, Tavira, Loulé e em outros muitos pertencentes aos distritos além do Tejo ela é expressamente abolida. Assim, a classe dos peões, se ainda ficava aí sob certo aspecto numa situação impositiva à dos cavaleiros vilãos, era exempta da mais gravosa distinção estabelecida entre os dois grupos, e podia considerar-se como menos onerada do que essa espécie de aristocracia municipal que, ao passo que os seareiros e pequenos agricultores

estavam livres da *jugada*, não evitava o serviço militar nos simples possadados ou nas expedições do rei.

Em regra, o *alcaide*, delegava as suas funções no *alcaide-mor*.

Os concelhos do tipo de Santarém tinham neste pacto uma garantia, porque quase todos os seus forais consignam que o *alcaide-mor* tem de ser vizinho do respectivo concelho.

O *almotacé*, nos forais do tipo de Santarém, era eleito pelo povo.

Também nestes forais não havia a passagem ou peagem.

E' pouco o que se nos oferece diz-r acerca do foral de D. Afonso III, mas, alongar-nos nos permenos é traír o nosso intuito, que apenas se limita a dar uma ideia muito sumária, da história da nossa vila.

Quanto ao foral de D. Manuel I, os assuntos nele tratados, segundo Ataíde de Oliveira, são os seguintes:—Pao, Zimbro e Sumagre, Gado, Caça, Pesca, Polvos e Enxarrocas, Mariscos, Alhos e Cebolas, Fruta, Panos, Estopa, Lã, Linho em cabelo, Courma em cabelo, Peles, Mercarias, Especiarias, Boti-carias e Tinturarias, Pa-

pel e Pergaminho, Pedras preciosas, Bestas, Madeira, Louça, Lenha e Carvão, Navios, Junco e Junça, Palma e Esparto, Ferro e cousas grossas dele, Estanho e outros metais, Telha e louça de barro, Malegoa e Azuleijos, Louça de barro, Pedra lavrada, Açougue, Marinhas de Sal, Moendas e Moinhos, Pastagens, Passagem, Dos que vendem fruta para fora, Cousas dadas em pagamento, Privilégios, Títulos, tempo e lugar em que se deve gozar dos privilégios dados aos vizinhos, Ordenanças, Mercadorias e cousas do mar, Barcas de portagem, Cousas que veem por terra, Penas do foral, etc..

O foral de D. Manuel, que parece ser de 1504, ainda hoje se conserva na Câmara de Loulé.

(CONTINUA)

Sangue O Algarve Monumento de mártires... e as automotoras ao Dr. Bernardo Lopes

(Continuação da 1.ª página)

da U. R. S. S. são considerados gente de bem e recebidos com honras de legítimos chefes de povos que anseiam por se libertar deles e dos seus mentores da Moscúvia!

Entretanto, os povos cujos políticos e governos pactuam com eles em nome das democracias, sentem bem o drama dos seus irmãos oprimidos. Veja-se o movimento de solidariedade que se desenvolveu por toda a parte do mundo livre para socorrer os patriotas húngaros.

Não sabemos, à data em que traçamos estas linhas, qual será o desfecho da luta heróica que ensanguenta a indómita Hungria, nem qual será a atitude dos ocidentais cuja inépcia política entregou metade da Europa ao *Uncle Joe* e cuja criminoso ingenuidade, quando não a conveniência de partidários políticos de ordem interna, tem tratado com o Kremel como pessoa de bem e oposto às investidas vermelhas a sua desunião de demetados.

No entanto a coragem do nacionalismo húngaro ficará a assinalar quanto pode a sede de justiça e o direito à liberdade dos povos e sempre, desde os massacres dos circos romanos, o sangue dos mártires foi semente de cristãos.

O povo magiar é, desde já, credor da admiração e do respeito do resto do mundo civilizado e livre e o sangue que derramou nestes dias trágicos, tingirá as mãos daqueles que consentiram na instalação do signo da foice e do martelo nas ruínas de Varsóvia, na Pátria de Santo Estevão, em Berlim, em Praga e... num assento da O. N. U..

J. R.

(Continuação da 1.ª página)

reconhecida, desejaria, com o zelo que sempre tem revelado pelas comodidades de quem vem ao sul ou do sul vai, estabelecer horários... de carácter internacional.

Seguiram-se as comemorações do 1.º Centenário dos Caminhos de Ferro em Portugal e esperávamos que um dos números do programa comemorativo seria o início das tão prometidas carreiras diárias Lisboa - Algarve. Sempre nos enganamos.

Não desanimemos, porém. Pessoa normalmente bem informada, segreda-nos que este acontecimento, por que o Algarve há tanto se bate, vai ser um facto, porque a C. P. promete e cumpre.

Diz-nos essa pessoa que será solenemente celebrado o centenário do ramal de Lagos e, nessa altura, como se trata duma comemoração especial para o Algarve, a C. P. estabelecerá um esplêndido serviço de... carreiras aéreas.

O que chega tarde não deixa de chegar e por isso os actuais pirotécnicos estão já a ensinar a sua arte aos netos com vista a garantir a oportuna fabricação dos fogos de artifício para os festejos a levar a efeito em Faro, Portimão e Vila Real de St.º António.

Opera em Faro

(Continuação da 1.ª página)

espectáculos não devem deixar perder a oportunidade extraordinária que se lhes apresenta.

O nosso jornal, sempre pronto a colaborar em quanto possa contribuir para a elevação do nível material e cultural dos seus leitores, ofereceu a tão audaciosa e simpática iniciativa (a receita líquida reverterá para a Casa dos Rapazes) toda a sua colaboração mas julga que esta não poderá ir além da recolha dos aplausos dos seus leitores e de transmitir à Casa dos Rapazes as inscrições que, porventura, os seus leitores desejem fazer através de «A Voz de Loulé» e convidá-los a fazê-lo já, porque os de última hora não poderão ser contados para se decidir levar ou não a efeito aqueles dois magníficos espectáculos com que a Juventude Musical Portuguesa se quer dar a conhecer no nosso meio.

AVISO AO PUBLICO

Manuel Maurício Gomes dos Santos

Armazenista de Solas e Cabedais

Tem o prazer de informar os seus Prezados Clientes e o Público em geral que acaba de transferir o seu estabelecimento da **Rua Engenheiro Duarte Pacheco, 46** para os n.ºs 1 e 3 da mesma Rua (próximo da ponte do Ribeiro).

Correspondendo assim à preferência com que tem sido distinguido pelos seus Ex.ªs Clientes e proporcionando-lhes maiores possibilidades de escolha em todos os artigos de sapataria **aos mais baixos preços do mercado**

O mais completo sortido em:

Solas, Pelarias, Miudezas e Novidades estrangeiras

A maior colecção do Algarve em retalhos de todas as qualidades, a preços fora de toda a concorrência.

Não compre artigos para calçado sem consultar os nossos preços.

Nas suas reuniões semanais a Comissão Executiva do Monumento ao Dr. Bernardo Lopes tem tomado deliberações no sentido de activar a recolha de donativos para a subscrição, tendo sido já nomeadas Comissões em todas as freguesias do nosso concelho. No próximo número daremos mais pormenores.

Entretanto, temos a registar mais as seguintes inscrições:

Transporte	18.835\$50
Manuel de Sousa Inês — Loulé	100\$00
D. Benvinda da E. Gonçalves Oliveira — Loulé	100\$00
José Gonçalves de Sousa Oliveira — Loulé	100\$00
Manuel Gomes — Areias de Almancil	5\$00
Dr. João dos Ramos Seruca — Porto	100\$00
José Lázaro dos Ramos — Loulé	100\$00
Jovith Lopes Madeira — Loulé	200\$00
D. Maria Antónia Pontes — Quarteira	20\$00
José Martins Baeta — S. Lourenço	10\$00
P. José Pedro Leal	100\$00
José de Sousa Pires	2\$50
António Viegas Matinhos	10\$00
Manuel Martins Seródio	5\$00
João Guerreiro Pires	2\$50
António de S. Martins	10\$00
P. Dr. Clementino de Brito Pinto	20\$00
Joaquim Mendonça	5\$00
Maria Vitorino Domingos	1\$00
José de J. Sousa Martins	20\$00
Horácio Guerreiro Pires	2\$50
Manuel Pires	2\$50
Francisco de S. Martins	10\$00
António de B. Matinhos	2\$50
António Joaquim Marum Júnior — Almancil	50\$00
Manuel do Brito Júnior	20\$00
Manuel G. Cristovão	20\$00
João Caetano das Pedras	50\$00
Jaime Ventura Mendonça	10\$00
João Farrajota Alves	1 000\$00
A transportar	20.904\$00

Gilvrazino em Festa

Nos próximos dias 4 e 5 do corrente, realizam-se neste populoso sítio as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora da Boa Hora, em cuja capela se realizarão várias cerimónias religiosas.

Os transportes estão assegurados pelas carreiras extraordinárias da EVA, pelo que é de esperar que também este ano seja grande a afluência de forasteiros.

A D. C. T. é para as populações e só actua em benefício delas.

PELA IMPRENSA

Festejaram recentemente mais um aniversário de uma frutuosa existência em prol das regiões que denodadamente servem, os nossos estimados colegas: «Voz do Sul», da vetusta cidade de Silves; «Linhas de Elvas», da histórica cidade que lhe empresta o nome; «O Distrito de Setúbal», da laboriosa cidade do Sado e «O Dever» que vê a luz da publicidade na linda cidade da Figueira da Foz.

Para todos estes nossos prezados colegas vão as cordeais saudações de boa camaradagem de «A Voz de Loulé» e os votos de próspera existência.

Um Centenário

(Continuação da 1.ª página)

«Que se porventura os fidalgos de Lisboa faltassem ao que prometiam e esperava do seu valor, não duvidaria a pôr-se ele em campo, só com os povos do Alentejo que não haviam de desampará-lo».

Bem disse e escreveu, pois, o insuspeito Fortunato de Almeida sobre a figura do fundador da 4.ª Dinastia e feliz restaurador da independência de Portugal:

«Venerada e sagrada é para todos os portugueses a memória deste soberano, centro da acção que salvou a independência nacional. Sem o bom senso, a prudência e a firmeza do Duque de Bragança a própria revolução de 1640 ter-se-ia talvez reduzido a uma aventura jugulada por uma chacina e por novos actos de feroz despotismo. Depois deixou D. João IV bem assinalada a sua tenacidade, a sua admirável acção diplomática, o seu persistente e incansável trabalho na organização da defesa nacional. Se alguma vez hesitou, naqueles desastrosos anos de Governo dificilmente hesitaram igualmente aqueles que o rodeavam e aconselhavam; porém, as hesitações se as houve no ânimo, nunca se traduziram em factos desastrosos.»

A sua atitude, trocando a comodidade de Chefe duma grande casa, com tratamento de príncipe e num país que podia governar se se submetesse à autoridade do Rei de Espanha, pela Revolução em que podia ter comprometido não só os seus bens como também a sua liberdade ou a vida acresce a sua inteligente acção como Rei de Portugal restaurado.

Governando a seguir a um período de 60 anos de expoliações e de corrupção, tendo de sustentar longa e dispendiosa guerra para garantir o êxito definitivo da empresa restauradora, D. João IV chegou ao fim da sua vida, deixando a nação apetrechada financeiramente, dotada de meios de defesa contra inimigos externos e ligações diplomáticas das mais seguras.

D. João IV mereceria que, no 3.º centenário da sua morte, a sua figura fosse evocada, quanto mais não fosse para lhe ser feita a justiça a que a sua memória tem direito depois das tentativas feitas para a diminuir nas responsabilidades da preparação, efectivação e consolidação do feito heróico de 1640.

Aqui fica o nosso modesto contributo para a evocação da figura do Restaurador no 300.º ano da sua morte.

D. C. T.

(Continuação da 1.ª página)

merece. Nunca será demais lembrar que toda a gente, em caso de emergência grave, tem uma função a desempenhar e que para ela tem de preparar-se.

Sem necessidade de mobilização decretada, todos se sentirão lançados ao trabalho por simples imposição de consciência, por livre determinação dos seus sentimentos de solidariedade e eis que se reconhecerá o erro de, em tempo de tranquilidade, se não terem instruído sobre aquilo de que deverão fazer e como deverá ser feito.

Já aludimos, mais de uma vez, à actualidade aguda das

NOTÍCIAS de ALBUFEIRA

— Num dos armazéns de laboração de figos, pertencentes à firma Albuera, com sede nesta vila, deu-se uma explosão na estufa, pondo em alvoroço os habitantes vizinhos.

Houve apenas prejuízos materiais, pois que felizmente nenhum dos operários que ali trabalham se encontrava junto do local da explosão.

— Apoz prolongado sofrimento, faleceu nesta vila a sr.ª D. Maria Lúcia Xabregas, mãe do Sr. José Temoteo Xabregas, conceituado comerciante, residente nesta vila.

— No dia 11 do corrente, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria de Lourdes Vieira da Cunha, esposa do Sr. Duarte Simões da Cunha, Aspirante de Finanças e residente nesta vila. Mãe e filho encontram-se bem.

— A fim de prestar serviço militar retirou para Tancos o nosso assinante sr. Helder de Sousa.

— No pretérito dia 22 de Outubro realizou-se no sítio das Ferreiras, o auspicioso enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Alcina da Silva Palmeira, premdada filha do importante industrial e construtor civil daquela localidade, sr. João Gonçalves Palmeira e da sr.ª D. Alisa Clemente da Silva Palmeira, com o sr. António da Silva Pires, funcionário do Banco Nacional Ultramarino em Lisboa, filho do sr. José Pires e da sr.ª D. Deolinda Clemente da Silva Pires.

Foram padrinhos os pais de ambos.

Após a cerimónia do casamento foi servido um fino e abundante copo de água em casa dos pais da noiva, estando presentes, entre outros convidados, o sr. Francisco Mendes e sua esposa sr.ª D. Maria Quitéria Simões Mendes, o sr. Fernando Simões Mendes e esposa, sr.ª D. Maria Margarida Mendes e o sr. José dos Santos e esposa, sr.ª D. Lídia Santos, residentes em Lisboa, e as gentis meninas Judite Santos Silva, Maria Leonor Martins, Maria Elisa da Silva Neves, Maria de São José, Maria Elisa da Silva Palmeira e Maria Fernanda Palmeira.

Ao jovem casal, que seguiu em viagem de núpcias pelo País, fixando residência em Lisboa, desejamos uma vida conjugal plena de felicidades.

A. LEOTE

RAPAZ

Precisa-se, para serviço de escritório.

Nesta redacção se informa

justificadas preocupações com a chamada Defesa Civil do Território e não podemos deixar de insistir.

Se alguma vez a organização da D. C. T. estabelecer entre nós um curso básico (o que pode acontecer de um momento para o outro) bom será que a sua frequência seja numerosa. Entretanto chamamos a atenção dos nossos leitores para pequenas normas e conselhos que, de futuro, iremos publicando. Embora insuficientes serão de muita utilidade.

TRANSPORTES

«VAMOS ANDANDO»

Bráulio Lourenço, tem o prazer de participar a todos os seus Ex.ªs Clientes e amigos que não foi vítima de qualquer acidente e que por isso continua ao inteiro dispor das suas prezadas ordens.

Plano de Actividades da Câmara Municipal de Loulé - 1957

(Conti uação do número anterior)

Para um empreendimento desta projecção terá esta Câmara de conseguir um empréstimo de cerca de 3.000 contos, cujos encargos anuais serão de perto de 250 contos. Todavia, se a taxa de juro descer para 4 % e o prazo se alongar até 20 anos, as perspectivas financeiras serão mais suaves. De qualquer forma é de assinalar aqui que esta Câmara terá de — contra-riamente aos seus desejos — retardar alguns melhoramentos, moderar algumas despesas, de forma a poder, com relativo desafogo, fazer face a estes novos encargos e aos que já existiam anteriormente à minha presidência.

Iluminação da Avenida Propõe-se esta Câmara melhorar a deficiente iluminação da Avenida José da Costa Mea- lha, para o que já foram realizados os necessários es- tudos, aguardando-se a participação do Estado para se levar a efeito a realização deste importante melhoramento. Ficará assim como complemento das obras de alcatroamento já realizadas e do empedra- mento das placas centrais a efectuar.

Esgotos De harmonia com o plano anterior, esta Câmara não descuidará o serviço de esgotos referentes às ruas Marechal Gomes da Costa, Nossa Senhora de Fátima, Marroquia, Frei Joaquim de Loulé, Combatentes da Grande Guerra, Joaquim Rasquinho e às novas ruas onde está sendo iniciada a construção de moradias.

Biblioteca e Museu A biblioteca e museu, já criados por este Municí- pio, aguardam apenas que se vote a verba precisa pa- ra que possam funcionar na Escola Conde Ferreira.

A Comissão para esse fim criada propõe-se em breve adquirir livros e dar-lhe o andamento neces- sário, de forma a poder funcionar o mais breve possí- vel.

Escolas A Câmara apresentou a Sua Ex.^a o Mi- nistro da Educação Nacional o pedido da criação em Loulé de uma Escola elementar técnica de feição puramente regional, com o objectivo de aperfeiçoar o artesanato local, admitindo-lhe até uma modalidade agrícola. Espera-se que a Escola possa ser construída por conta do Estado. Na sua impossibilidade recorrer-se-á a um empréstimo para esse fim.

Cantina Escolar Por solicitação desta Câmara, foi autorizada a construção em Loulé, por conta do Estado, duma Cantina Escolar, mediante o subsídio anual por parte do Município de 10 contos para a sua manutenção. Trata-se de um me- lhoramento de grande alcance social.

Cultura Musical Desporto Resolveu esta Câmara subsi- diar, na medida das suas possibilidades financeiras, as duas filarmónicas locais, ao que foi dado cum- primento no seu orçamento suplementar.

Procurará agora acompanhar de perto o progresso das duas prestimosas filarmónicas, mantendo-se os subsídios concedidos e, sendo possível, aumentando- os, mas exigindo delas um maior cuidado na sua or- ganização e funcionamento. Na medida do possível esta Câmara procurará também subsidiar o Louletano Desportos Clube, de forma a proporcionar aos seus associados os elevados fins do seu desenvolvimento físico e desportivo.

(Continua)

HOSPITAL DE LOULÉ

A partir de 1 de Novembro, as consultas no Hos- pital da Santa Casa da Misericórdia de Loulé terão o seguinte horário :

2.^{as} - feiras — Dr. Ferreira da Encarnação — das 14 às 15 h.
3.^{as} - » — Dr. Manuel Cabeçadas — »
4.^{as} - » — Dr. Reais Pinto — »
5.^{as} - » — Dr. Angelo Delgado — »
6.^{as} - » — Dr. Manuel Cabeçadas — »
Sábados — Dr. Manuel Pedro — »

Oftalmologia — Dr. May Viana — 5.^{as} - feiras — às 12 horas

Doenças do nariz, ouvidos e garganta :

Dr. Alves Valladares

1.^o sábado de cada mês das 15 às 16 horas

Raios X — Dr. Rogério A. Monteiro (todos os dias úteis)

Assinantes novos

Continuamos a poder re- gistar o nome de novos as- sinantes — e fazemo lo com re- dobrado prazer.

E' que isto significa não só mais simpatia pela «Voz de Loulé» como também uma nova etapa percorrida a cami- nho dos 2.000 — objectivo que nos propuzemos e que espe- ramos alcançar com a ajuda dos nossos leitores.

Hoje, temos a registar co- mo novos assinantes mais os ex.^{mos} senhores :

Manuel Afonso Gonçalves, Ma- nuel Mendes Correia, Manuel Baqui- nho da Ponte e José Martins Ferrei- ra, **Argentina**; Joaquim Lopes, **U. S. A.**; António Martins Gonçal- ves, **Austrália**; António Portela Guerreiro, **Montargil**; Albertino Moreira de Castro, **Matosinhos**; Abilio de Sousa Cova, **Cova da Piedade**; D. Maria das Dores Ro- cha Alves, **Cruz Quebrada**; José Manuel de Brito da Mana, **Coim- bra**; D. Maria João Pilar, José Pires Raminhos, José António da Silva Ro- driques, Alvaro Jerónimo Martins, Manuel de Brito Pires e Dr. Alberto Loureiro de Sousa, **Lisboa**; Manuel Ricardo Cristóvão, **Alcobaça**; José Rodrigues de Sousa, **Almancil**; Al- varo Faria de Aboim, **Agualva- -Cacém**; José Martins Neto, **Quar- teira**; Manuel Pontes Viegas, **Que- reña**; Francisco Gonçalves Lopes, **Alte**; José Alexandre de Jesus, **Al- bufeira**; Dr. Elviro Augusto da Ro- cha Gomes e Eng.^o Manuel do Na- cimento Costa, **Faro**; José de Brito da Conceição, **Val da Boa Hora**; José Correia Mendonça, **Clareanes**; D. Felismina Roque Cavaco, **Poço Novo**; José de Sousa Conceição, D. Jesuína dos Santos Mendonça, D. Do- nalda Sousa Correia, Joaquim Correia Pencarinha, **Loulé**; Modesto Apo- lónia Cavaco, **Renda**; António Santos, Joaquim Lourenço Vairinhos, Manuel Francisco Grosso, Manuel Gonçalves Mendonça, Serafim da Sil- va Ventura, António Santos, João Correia Anastácio e José Ataíde Ca- vaco, **Loulé**; José Martins Fer- reira, **Argentina**; D. Leopoldina Barros Farrajota Cristina, **Alcou- tim**; Manuel Guerreiro Afonso Ca- baça, **Cortelha**; Inspector Alfredo de Matos, **Lisboa**; João Henrique Félix, **Fuzeta**; Manuel Marques Fernandes, José Maria Guerreiro Tei- xeira, Silvino Custódio Mendes, João Manuel Vicente Grosso, e José Lázaro dos Ramos, **Loulé**; D. Maria Teresa Julia de Scusa, José Ataí- de Cavaco, **Várzea da Mão**; Anibal Marques Madeira, João Ca- vaco Rosa, e D. Maria da Concei- ção, D. Amélia da Palma Jacinto, D. Maria Alice Silva Gomes e Albino Guerreiro Paulino, **Salir**; Dr.^a D. Maria Beatriz Castro C. Branco, **Evora**; António Custódio, **Alman- cil**; Custódio Gonçalves Pereira, **Brasil**; Manuel Martins Guerreiro, **Ilha de S. Tomé**; Grupo Despor- tivo «Os Unidos», **Loulé**; e a Em- presa de Viação Algarve, Ld.^a, **Faro**.

A todos os nossos mais sinceros agradecimentos.

Agradecimento

Manuel Avelino Gonçalves

Sua família, profunda- mente grata vem por este meio tornar público o seu reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o saudoso ex- tinto à sua última morada, ou por qualquer outra for- ma lhe manifestaram o seu pesar e se interessaram pe- lo seu estado de saúde du- rante a doença que o viti- mou.

A todos o seu eterno re- conhecimento de muita gratidão.

†

Agradecimento

A família do falecido Dr. José Bernardo Lopes, receando cometer qualquer lapso que seria lamentá- vel, aproveita este meio para exprimir o seu mais profundo e reconhecido agradecimento às pessoas que lhe endereçaram palavras de mágua e ainda àquelas que num piedoso sentimento de saudade e pesar se dignaram acompanhar à sua derradeira j zila o seu querido marido, avô, cunhado e tio.

Caldas de Monchique

(Continuação da 1.^a página)

sido já aprovado o Plano de Urbanização.

Lamentamos que assim su- ceda, pois que esta linda re- gião algarvia bem o merece. Também não concebemos que assim aconteça, porquanto, as Termas são, hoje, Património do Estado.

Em sua volta, tudo «esco- lhos» e «peias burocráticas», o que só demonstra existir má vontade na solução dos seus mais prementes proble- mas.

Para se aquilatar do muito que se tem dito e escrito so- bre tão formosa região, nin- guém mais indicado para nos elucidar de maneira concreta sobre o andamento das obras que ali estão a efectuar-se, do que o seu Presidente da Comissão Administrativa — o sr. Dr. Alberto de Sousa, no- me sobejamente conhecido e que gosa de reputado presti- gio no Algarve, onde já exer- ceu as funções de Subdele- gado de Saúde, em S. Brás de Alportel e de Presidente da Junta de Província do Al- garve, em Faro, durante mu- tos anos, de onde transitou a tomar conta da administração das Termas, onde, no exer- cício deste cargo, tem demons- trado, de maneira exuberante, o seu acrisolado amor e cari- nho por esta linda região al- garvia.

Não sendo algarvio, é - o contudo, do coração; e nesta localidade, tem posto, todos os seus esforços, influência e boa vontade de Servir, ao serviço do Algarve.

Assim, bastou um simples telefonema para solicitarmos a desejada entrevista. Mar- cada a hora — com pontuali- dade britânica — eis - nos em sua casa de residência, na Praceta João do Rio, 9-1.^o, em Lisboa.

O protocolo completamente ignorado. Era o Algarve que estava em causa.

Após uma boa meia hora de conversa sobre Loulé, ter- ra que o nosso entrevistado considera a mais bairrista de todo o Algarve quando se trata dos seus interesses e as- pirações, entrámos no assun- to pue ali nos levou.

Num à-vontade extraordi- nário, atirámos:

— Sr. Dr.: Porquê esta de- mora na aprovação do Plano de Urbanização das Termas?

— «Não sei dizer — respon- de. E' um mistério que ainda não aclarei. Tinha — diz — bas- tante empenho em sabê-lo, por me parecer que nada jus- tifique tal demora. E — esclare- ce — não têm sido poucas as influências que a Comissão tem movido para conseguir a aprovação do Plano de Ur- banização das Termas. Mas tudo em vão.

— Nesse caso sem o Plano aprovado... atalhámos.

Sem a aprovação superior do Plano, não se pode cami- nhar no campo das constru- ções — e tanto há que fazer! — o que muito prejudica o res- surgimento das Caldas.

— Continuando, o nosso en- trevistado diz:

— O seu projecto que foi elaborado por um architecto indicado pelo Director Geral- dos Serviços de Urbanização — o qual já trouxe algum dis- pêndio para a Comissão —, nem está aprovado nem re- provado, pois que ainda não nos foi feita qualquer comu- nicação nesse sentido.

— Logo, sem o Plano apro- vado, as construções do Bal- neário, dum Hospital e do Hotel, é letra morta... objectá- mos.

— Tudo depende do Plano ser aprovado. Muito, mas mu- ito — continua — há que fazer nesta deliciosa estância termal.

Porque a concorrência de aquisitas não tem diminuído, pelo contrário. Depois — pros- segue o sr. Dr. Alberto de Sousa — não há onde alojar os doentes, obrigando-os a espe- rar horas e horas pelos trata- mentos, o que não está certo.

O sr. Dr. vê viável a cons- trução do Balneário e de um Hospital anexo? — inquirimos.

— Não só do Balneário e seu hospital anexo — afirma — como de outras construções que tendem a valorizar as Termas como ponto turístico obrigatório, ou seja, um Gran- de Hotel e um Sanatório.

— Sr. Dr., em tempos a

(Continuação na 7.^a página)

Visado pela Comissão de Censura

DIA DE FINADOS LOULÉ... em retrato

(Continuação da 1.ª página)

adulações, há uma homenagem tão merecida, como espontâneo, e as que ainda vão arrastando a vida, vão em romagem aos cemitérios lançar a sua vista pelas sepulturas dos entes queridos, dos que conheceram, cobri-las de flores e rezar sobre elas.

Aqui se acabam as delusões da vida terrena, porque a morte não é mais do que o começo de uma outra vida, onde Deus recebe os justos com a sua infinita misericórdia.

A vida tem o seu fim material aqui, no cemitério, jardim de nós todos, na cripta negra de um coval modesto, em mermoreo jazigo, levando-nos ali a saudade regada com as lágrimas.

Ali — nos lugares santos dos cemitérios — terminou tudo: paixões, rancores, invejas, ódios, só ficando a recordação saudosa, de que todos que ali dormem o sono eterno são convertidos em pó, em cinza que na terra se mistura.

Ali — no campo dos mortos — a igualdade é perfeita, a justiça é para todos certa, recta como a verdade, pura como o sol ardente.

Ali — na terra fria — tudo findou de material, subindo a nossa alma a Deus, porque de Deus ela veio.

Os nossos mortos vivem, vivem para nós, com mais intensidade de quando os nossos olhares os avistaram e as nossas mãos apertavam as suas mãos. Não nos falam, nada nos dizem, mas temo-los sempre presentes na memória. E quando a dor nos aflige e carecemos de conforto, e a sua imagem e o seu conselho espiritual que nos ampara e consola na amargura.

Evoquemos neste dia eloquente o passado, os seres que nos ampararam e guiaram os nossos primeiros passos e agora fazem imóveis, desfeitos, irreconhecíveis na terra fria. Eles lá estão na terra da igualdade e nós ainda andamos por cá, até que, dando a volta à vida terrena, regressamos à terra onde eles jazem...

Choraram, sorriram, sofreram, amaram, como nós choramos, sofremos, amamos. Viveram como nós ainda vivemos. E as dores e alegrias que sentiram repercutem nos nossos corações, porque a dor que neste dia tortura quem vive é sincera, é vivamente partilhada por todos que se encontram no imenso mar que se chama vida.

Não existem apenas as lágrimas pelas grandes catástrofes; a morte de um pai, dum parente próximo,

dum amigo sincero produzem essas lágrimas que, pela sua própria violência, são, por vezes, efêmeras e passageiras, mas as primeiras, as derramadas pela perda dos pais, são sempre sentidas, perduram, não se exugam.

O dia de hoje é triste, é de luto, bem o sabemos, porque o sentimos, pela recordação que nos trazem os nossos mortos, os que nos foram queridos; mas, coragem e todos e vamos levar-lhes as nossas orações e as nossas preces, e de consciência tranquila, nada se devendo rezear de além túmulo, não se esquecer de, amanhã e sempre, ir ao cemitério, ao campo da igualdade, depor as flores e preces sobre as sepulturas dos nossos pais, dos nossos irmãos e dos nossos amigos também, e de joelhos em terra rezar a sublime oração: Pai Nosso.

Augusto C. Bolotinha

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 95 — 1-11-1956

Tribunal Judicial Comarca de Loulé ANUNCIO (1.ª publicação)

Pela 2.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca e nos autos de Querela que o Digno Agente do Ministério Público move contra os réus **Francisco Jorge**, solteiro, de 27 anos, industrial, filho de Daniel Jorge e Elisa da Conceição, natural do sítio dos Matos, freguesia de Paderne, Julgado Municipal de Albufeira, onde teve o seu último domicílio conhecido e, actualmente ausente em parte incerta da Venezuela, e outros, pronunciado como autor dos crimes previstos e punidos pelos art.ºs 216.º n.º 3.º e 20.º, n.º 5.º ambos do Código Penal, com a agravante 7.ª, do art.º 34.º do citado Código, correm éditos notificando o réu para, no prazo de **Quarenta e cinco dias** a contar da segunda e última publicação deste anúncio se apresentar em Juízo sob pena de, não o fazendo, seguir o processo à sua revelia, podendo o mesmo ser preso por qualquer pessoa do povo e devendo se lo por qualquer oficial de justiça ou agente de autoridade, para ser entregue em Juízo.

Loulé 24 de Outubro de 1956.

O Chefe da 2.ª Secção

António Ilídio Assis da Veiga

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

a) Marino Barbosa Vicente

(CONTINUAÇÃO)

Quando será que isto tem fim e a senhora C. P. se resolve a pôr uma camionete de ligação aos comboios?

Isto era uma coisa que devia interessar ao comércio e às forças vivas de Loulé.

Sim, porque as automotoras desviam da nossa vila um movimento considerável de compradores, de pessoas que vão abastecer-se a Faro e a outros centros, sobretudo da zona sul do concelho.

Ainda agora, por ocasião da feira de Faro, era ver Al-mancil e Boliqueime em Faro, na sua máxima força, à custa das automotoras contínuas.

Temos muita razão de queixa, mas ninguém reclama e assim se vai acabando tudo neste «dulce far niente».

O rápido desse dia, como aliás de quase todos, saiu de Loulé à tabela e chegou ao T. P. às 22.16 h.

Quer dizer: demorou de Loulé a Lisboa 7 h. e 50 m.

Isto de um rápido viajar a uma média de 40 quilómetros por hora!

Mas e porque será que para o Algarve faz o percurso à tabela? Será porque é a descer?

REPORTER X

CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, acabada de construir, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

SEMENTES

Para horta e sequeiro. Acaba de chegar grande variedade à Casa Manuel Lopes — Telf. 100 — Loulé.

ALIMENTO para Gado Vacum

VENDE:

António de Sousa Cristina
LOULÉ

PROPRIEDADES

Vendem-se as propriedades e casas que couberam em partilhas a Maria da Luz Piedade e Maria da Luz Carrusca Piedade.

Tratar na Avenida José da Costa Mealha, 21 — Loulé

Crítica de Cinema (CONCLUSÃO)

sones e outras mirabolantissimas do género, que dão um ar alegre (?) às montras das nossas livrarias.

Ora todas estas considerações vieram a propósito dum filme que acabámos de saborear — The importance of being Earnest, de Arquith. (1)

Baseada numa peça de teatro de Oscar Wilde, realizada por um homem que tem dado bastantes provas no campo cinematográfico, e interpretada por um grupo de actores geniais, histrionica e declamatória falando, muito havia a desejar desta película. Uma pirâmide artística alicerçada sobre elementos de tal valor tinha de nos dar um fruto com bastante sumo-arte. E foi o caso.

Desconhecíamos a capacidade Wildiana adentro do teatro, e até já ouvimos algures, certas considerações algo desonrantes sobre o teatro do genial escritor. O certo é que em «A importância de se chamar Ernesto», Wilde ainda que amparado por Arquith, deixou provado, que o seu teatro foi mais do que um mero passatempo.

De Arquith diremos simplesmente que é quanto a nós o realizador inglês que melhor domina a técnica cinematográfica das dialogações. «Causa Célebre», «Caminho de Estrelas», «A sombra de um homem», «Wilsow contra o Rei» e tantos outros, são documentos que só por si definem o particularismo de Arquith. A sua virtude de se conservar sempre tipicamente britânico, é talvez a alavanca da sua autenticidade, daquela autenticidade que nós sabemos ir encontrar nas películas sublinhadas com o seu nome.

Em «A importância de se chamar Ernesto» há ainda um aspecto interessante a considerar: Arquith transformou uma peça de teatro, em cinema. Em cinema-cinema, como ouvimos alguém chamar. E aqui é que está a dificuldade: o no so homem respeitou integralmente o texto literário original. Duma só cajadada matou dois coelhos: elevou a obra de Oscar Wilde porque a respeitou, e elevou-se a si próprio por ter dado à obra um aspecto tão cinematográfico, que quase pareceria impossível, sem modificar o texto original, trazê-la para o cinema, e transformá-la em cinema-cinema. Foi a presença inconfundível de dois grandes artistas, intimamente ligados, que nós sentimos durante toda a projecção.

Longe de nós o intuito de olvidar a acção da equipe técnica que secundou Anthony Arquith. Mas para a perfeição relativa, não são necessárias muitas palavras. Destacaremos Carmen Dillon que teve a seu cargo a cenografia do filme, tarefa de que se saiu, pura e simplesmente, com um Prémio da Bienal de Veneza.

Das criações psicológicas dos actores, diremos apenas que raramente temos visto tanta personalidade na representação de tipos e de situações onde o originalismo amargo e a sinceridade absoluta se confundem suavemente. São involuntários pelo seu comicismo delicado e irresistível, as cenas do pedido do casamento, da descoberta da verdadeira identidade de Ernesto, da admiração de Lady X, quando Ernesto lhe diz que nasceu dentro duma mala de viagem... Ah! In a handbag?... Oh!...

Muito mais haveria a dizer desta «pequena jóia» como lhe chamou Pierre Kast em Cahiers du Cinema. Mas o filme está apresentado e o espaço não nos permite mais divagações.

Casimiro de Brito

(1) The importance of being Earnest é recomendado pelo cineclubismo e foi exibido pelo Cine-Clube de Faro em 26-9-56.

A SEGUIR:

Algumas considerações sobre o
Cineclubismo em Portugal.

Câmara Municipal de Loulé ANUNCIO

Construção do caminho municipal entre Palmeiral e o caminho municipal da estrada nacional 270 no sítio da Varejota — 2.ª fase.

FAZ SE PÚBLICO que no dia 22 de Novembro de 1956, pelas 16 horas, na sala das sessões dos Paços do Concelho de Loulé, perante a Câmara Municipal do mesmo Concelho, se procederá ao concurso público para adjudicação dos trabalhos respeitantes à empreitada da obra indicada em epígrafe.

A base de licitação é de 71.720\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas Filiais ou Delegações, o depósito provisório de mil setecentos e noventa e três escudos (1.793\$00), mediante guia passada pela secretaria da Câmara Municipal, em qualquer dia útil, durante as horas do expediente e até às 12 horas do dia do concurso.

O depósito definitivo será de 5%, do valor da adjudicação.

O programa do concurso e o caderno de encargos estão patentes todos os dias úteis, durante as horas do expediente, na secretaria da Câmara Municipal e na Direcção de Urbanização de Faro.

Paços do Concelho de Loulé, 25 de Outubro de 1956

O Presidente da Câmara,

Dr. Maurício Serafim Monteiro

Caldas de Monchique

Continuação de 4.ª página)

Comissão solicitou um empréstimo da Caixa G. Depósitos de DEZ MIL CONTOS... pode-se saber os motivos porque não chegou a ser realizada esta transacção?

—Pronta a resposta: Outro mistério.

Eu próprio e por indicação do Ministro das Finanças de então, o sr. Dr. Costa Leite (Lumbrals) tratei do aludido empréstimo com a C. G. D.

—Conseguí mesmo—continua—do sr. Dr. Guilherme Moreira que esse empréstimo fosse feito em conta corrente para assim se levantar as quantias necessárias para entregar à Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais para pagamento das obras que se fossem efectuando. Foi ainda o Dr. Guilherme Moreira quem teve a gentileza de fazer a minuta de solicitação do referido empréstimo e que havia de regular essa transacção, e, ainda fui eu próprio quem a entregou àquele membro do Governo.

—Prosseguindo: até hoje ainda ninguém me explicou por que o empréstimo não teve a aprovação superior. Sei apenas que nessa altura os 10.000 contos se tivessem sido postos à nossa disposição,—afirma de maneira convicta o nosso entrevistado—estaria hoje erguida e em pleno rendimento, uma grande Estância Termal—cuja água constitui um tipo único no País—ficando assim realizado esse problema de interesse nacional, tal como o Governo da Nação o considerou, então.

—Pode-se saber porque esta demora da aparelhagem necessária à desinfectação e engarrafamento das águas?, outra pergunta que achámos de interesse fosse posta ao nosso ilustre entrevistado.

—A razão principal é a falta de verba,—diz o Dr. Alberto de Sousa—vai a 3.000 contos. Ao Estado compete proceder ao apetrechamento condigno das Termas; pois sem o auxílio dele, nada feito.

Então... vamos a dizer:

—Então é como lhe digo. São de três Ministérios que tal assunto depende. Do das Finanças por as Termas ser Património do Estado; do das Obras Públicas, onde intervêm vários Serviços e, ainda, o da Economia, pela sua Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos de Águas Minerais, sendo a esta última quem compete superintender nas águas e na forma de explorá-la e, até, de a utilizar em tratamentos, porque em boa verdade, a captação não termina com o afloramento da nascente, porque, necessariamente, só acaba no sítio onde a água é utilizada, isto é, no Balneário, no tratamento e na bobete, porque uma água mineral precisa ser conduzida desde a emergência até ao local da sua utilização de molde a não perder as suas proprie-

dades, inclusivé, a sua temperatura, que é de 32°.

Antes de dar por finda a nossa missão, puzémos ao ilustre Presidente da Comissão Administrativa das Caldas de Monchique, a nossa última pergunta:

—Para as Caldas voltarem a beneficiar dum ambiente de puro ressurgimento, o que é preciso?

—«Precisa do seu Plano de Urbanização aprovado, para que às Termas de Monchique seja assegurado o seu valor como as melhores termas medicinais do Sul da Península, que são».

Em seguida—prossegue—à aprovação superior do Plano, surgiria umas Termas completamente modernizada, apta a servir a sua missão em pleno rendimento.

Com estas suas afirmações, estava terminada a missão do jornalista. Agora têm a palavra as entidades a quem o assunto das Caldas diz respeito, e de quem depende o seu ressurgimento.

Em qualquer outro País a linda região de Monchique e as suas Termas, certamente, de há muito que teriam sido valorizadas, tornando-a numa maravilhosa e encantadora estância, obtendo dela valiosos rendimentos sob o ponto de vista Turístico, colocando-a a par das mais famosas estâncias termais do Mundo!

Desde rapaz que a admiro e dela fiquei seu enamorado.

A sua vasta mata, o valor inestimável da sua riqueza, são atributos para dela me ocupar e defender o seu rincão que a Natureza lhe conferiu.

E, porque assim é, achamos oportuno chamar a atenção das entidades superiores que nela intervêm, para que o seu Problema seja solucionado o mais depressa possível, dando-se às Caldas de Monchique o direito de ressurgir e engrandecer-se, para prestígio duma Política que tem realizado UMA OBRA!

Como algarvio, ousou levantar a minha débil voz em prol das Caldas de Monchique, o mesmo é dizer: «deste Algarve esquecido».

O que não fariam os espanhóis, os franceses e os italianos se possuíssem umas TERMAS DE MONCHIQUE!!!

Findas estas minhas considerações, filhas do muito «querer» a tão encantadora região, faço votos para que a HORA DO ALGARVE chegue, para que MONCHIQUE possa usufruir—quanto antes—desse BEM que de há muito aspira.

Nesse dia, todo o Algarve exultaria de entusiástico contentamento, agradecendo aos HOMENS QUE GOVERNAM PORTUGAL.

Luís Sebastião Peres



Agência em LOULÉ
Laginha & Ramos, L.da
Telefone 69

«A Voz de Loulé»—Loulé
N.º 95—1-11-1956

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANUNCIO

(2.ª publicação)

Pela segunda secção da secretaria judicial desta comarca correm éditos de 20 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Manuel dos Santos Guerreiro, solteiro, maior, comerciante, morador no sítio da Ponte da Tôr, freguesia de Querença, deste comarca de Loulé, para no prazo de 10 dias, posterior aquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução sumária que contra aquele e Manuel Miguel Junior move José Teixeira de Sousa.

Loulé, 10 de Outubro de 1956.

O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio Assis da Veiga

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito

a) Marino Barbosa Vicente

MOTORES Terrestres e Marítimos

A PETRÓLEO A GASÓLEO

das melhores marcas e aos melhores preços

Em exposição no estabelecimento

DE José Reinaldo Gomes Pacheco

R. Ferreira Neto, 23 - Telef. 496

F A R O

Alfaiataria YORK

Trespssa-se ou arrenda-se.

Tratar na Rua Candido Guerreiro, 43—Loulé.

Automóveis

e todos os veículos motorizados Para compra ou venda tratar com Basilio do Nascimento.

Rua da Barbacã, 24—Loulé.

CASA ESTRELA

DE

A. A. ESTRELA, FILHO, S.º

Rua de Santo António, 61—PORTO

ARTIGOS RELIGIOSOS

O maior sortido aos melhores preços—Restauro de imagens antigas—Fornecedora das principais casas do País

VISITEM ESTA CASA

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

L O U L É

Direcção Clínica de: Dr. Manuel Cabeçadas

DR. MANUEL CABEÇADAS

Doenças cirúrgicas e operações
Consultas todos os dias úteis às 15 horas

DR. ALVES VALLADARES

Doenças de nariz ouvidos e garganta
Consultas aos 1.º e 3.º sábados de cada mês

DR. DANIEL CABEÇADAS Anestesiologista

TELEFONE 52

L O U L É

Transportes de Carga, Louletana, L.ª

L. Tenente Cabeçadas—Telef. 30 e 17

L O U L É

Para melhoria dos nossos serviços, transferimos a nossa sucursal em LISBOA da Rua Nova do Desterro, 35, para a

Rua de S. Mamede, 24 D. (ao Caldas)
Telefone 22437

Todos os assuntos relacionados com esta firma só podem ser tratados com

Pires ou Sousa

Pensão Alentejana

Largo da Trindade, 16

Telefone: 23084

L I S B O A

Com nova gerência e completamente remodelada, esta pensão, situada no melhor local da cidade, dispõe de magníficos aposentos e óptimo serviço de mesa

Preferi-la é ter a certeza de ficar bem servido
Preços convidativos

ATENÇÃO

A Papelaria e Livraria «ARTYS», avisa os Ex.ºs Pais e Encarregados de Educação de que, além de ter todo o material necessário aos estudantes, facilita lhes a sua aquisição, com a abertura de uma conta corrente

Todos à «ARTYS»—Rua de Santo António, 92
(frente ao Café BRASILEIRA—Faro)

NOTÍCIAS PESSOAIS A valorização da alfarroba

Aniversários

Fazem anos em Novembro:

Em 1, o sr. Engenheiro José Maria Teixeira Farrajota Cavaco.

Em 3, os srs. Trancido Pereira Carapeto Redol e António da Silva Xabregas Santos, as meninas Maria Helena Pereira Carapeto Redol, Epitácia Maria Adro Simão, Maria Manuela Guerreiro de Sousa e o menino José Manuel Guerreiro de Sousa, residente em S. Marcos da Serra.

Em 4, a sr.^a Dr.^a D. Modesta Floripes Fernandes Gonçalves.

Em 6, a sr.^a D. Maria Ivette Carriho Rebelo, o sr. António Correia Albano e o menino Mário Mendonça Horta.

Em 7, o menino Luís Manuel Carapinha Santos Brito.

Em 8, o sr. Tomás Rodrigues Domingues.

Em 9, a sr.^a D. Maria Eduarda Sá Pereira Pinto, residente em Lisboa e a sr.^a D. Isabel da Piedade da Silva Clemente.

Em 10, as sr.^{as} D. Maria José de Brito Cavaco e D. Almerinda dos Santos Mimoso Rocheta, residente em Geba-Moçambique.

Em 12, as sr.^{as} D. Maria dos Santos Martins Trindade e D. Maria Margarida Vaz de Barros Vasques e os srs. Dr. Aires de Lemos Tavares e Luís Francisco Toronta e a sr.^a D. Angelina Coelho Matos.

Em 13, a sr.^a D. Maria Evangelista Maltezinho, a menina Ana Maria Vairinhos Dias, residente em Lisboa e o menino João Eduardo Sintra Delgado.

Em 14, a sr.^a D. Raquel Guerreiro Rua e o sr. José da Costa Guerreiro.

Em 15, a sr.^a D. Maria Catarina Pinto Medeiros Rocheta Cassiano, residente em Moçambique, o sr. José Calçada da Silva e a menina Rosélia Maria Guerreiro Martins.

Em 17, o menino João Pedro Garrocho Duarte, residente em S. João do Estoril.

Partidas e chegadas

— De visita a sua família, esteve em Loulé com curta demora o nosso ilustre conterrâneo e amigo sr. Coronel Manuel de Sousa Rosal, lindimo representante do Algarve na Assembleia Nacional.

— Tivemos o prazer de cumprimentar nesta redacção o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. José Bento Batel, nosso estimado assinante em Setúbal.

— A fim de tratar de assuntos tendentes à concretização dum projecto para dotar Quarteira de condignas instalações hoteleiras, deslocaram-se a Lisboa o Presidente da Junta de Turismo daquela Praia, sr. Dr. Maurício Serafim Monteiro e o sr. Isidoro Martins dos Santos, proprietário da Penção Atlântico.

— A fim de substituir na Estação dos C. T. T. desta vila, a sr.^a D. Adélia Crisóstomo das Dores Martins, que há pouco se reformou, fixou residência em Loulé o sr. José Eduardo Brazão, Operador dos C. T. T., a quem apresentamos os nossos cumprimentos de boas vindas.

— Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o nosso prezado assinante em S. Marcos da Serra, sr. Manuel Correia de Sousa.

— Também nos deu o prazer da sua visita a nossa estimada conterrânea sr.^a D. Laura Teresa de Jesus Carriho, residente em Portimão.

— Vimos nesta o nosso conterrâneo e prezado assinante em Vila do Bispo sr. Gaspar da Piedade Silva da Encarnação.

Gente nova

— Na cidade do Lobito (Angola), onde reside, teve o seu bom sucesso no dia 5 de Outubro, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.^a

D. Lisete Dionísio Bota Passos, esposa do nosso prezado assinante e amigo sr. José dos Santos Centeno Passos, sócio da firma Centeno & Brandão, Ld.^a daquela cidade e filha da sr.^a D. Maria das Dores Dionísio Bota e do sr. José Gonçalves Bota residentes na Franqueada.

— Em casa de sua residência, em Faro teve o seu bom sucesso dando à luz uma robusta menina, no dia 19 de Outubro, a sr.^a D. Ana Maria da Silva Filhó, esposa do nosso prezado assinante e amigo sr. António José de Oliveira e Sousa, funcionário da Agência em Faro do Montepio Geral e filha da sr.^a D. Ilda dos Santos Silva e do sr. Alberto de Freitas Filhó, industrial nesta vila.

— Com muita felicidade, deu à luz no passado dia 16 uma criança do sexo masculino, a sr.^a D. Ione Quaresma Pacheco Palma, esposa do nosso estimado assinante Sr. Libânio Rodrigues da Palma, Tesoureiro da Agência da Caixa Geral de Depósitos, desta vila.

— Em Lisboa, também deu à luz uma criança do sexo masculino, a sr.^a Dr.^a D. Maria Adélia de Barros Fonseca, esposa do sr. Dr. Humberto Duarte Fonseca, funcionário superior dos Serviços Meteorológicos do Aeroporto de Lisboa e filha do nosso conterrâneo e prezado amigo sr. Francisco Guerreiro Barros.

Os nossos parabéns aos felizes pais, e avós com desejos sinceros de futuro risonho para os recém-nascidos.

Falecimentos

— Com a idade de 61 anos, faleceu nesta vila, no dia 12 de Outubro a sr.^a D. Maria Guerreiro Calço, viúva do sr. Francisco Agostinho. Era mãe do sr. Manuel Guerreiro Agostinho (falecido) e das sr.^{as} D. Lucília Guerreiro Agostinho e D. Maria de Lurdes Guerreiro Agostinho.

— Em casa de sua residência, faleceu nesta vila, o sr. Manuel Avelino Gonçalves, de 57 anos de idade, comerciante na nossa praça, viúvo da sr.^a D. Juliana Farrajota Cristina Gonçalves.

Era pai do sr. Manuel Avelino Cristina Gonçalves, regente agrícola e sogro da sr.^a D. Antonieta Garcia Gonçalves.

— Há dias faleceu no sítio da Franqueada (Loulé), o sr. António Mestre, de 83 anos de idade, proprietário, viúvo da sr.^a D. Henriqueta de Jesus.

Era pai do sr. José Mestre e das sr.^{as} D. Rosa Henriqueta Pires, Antónia Henriqueta e Maria Henriqueta e sogro do sr. Joaquim Pires, da sr.^a D. Silvina Mestre e do sr. Joaquim dos Santos.

A's famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

Emigrantes

Com destino a vários países, partiram há pouco do nosso concelho, os srs:

Manuel Coelho, Tomé Baeta e as sr.^{as} D. Maria Lindaura Guerreiro e D. Maria da Glória Pedro Santos, Brasil; srs. Francisco dos Santos Inácio, Adelino Martins Ventura e Florival Pires Marques, Venezuela; sr.^a D. Quitéria Faria Samora Pontes e D. Maria Inácia da Conceição, Argentina; sr. Manuel Cabrinhas Guerreiro, Austrália.

Desejamos-lhes boa viagem e felicidades.

Explicações

Latim a alunos do 3.º ciclo liceal, Português e Francês aos do 1.º e 2.º ciclos

Avenida José da Costa Mealha, n.º 157 — Loulé.

Arsénio da Câmara Ataíde Ferreira

Após prolongado sofrimento faleceu em Lisboa, no pretérito dia 21, o sr. Arsénio da Câmara A. Ferreira, agente técnico de engenharia, que durante muito tempo residiu em Faro onde exerceu as funções de Chefe da Secção de Via e Obras e de funcionário da Direção Hidráulica do Guadiana, sendo por isso muito conhecido e estimado no Algarve.

O saudoso extinto, que contava 69 anos de idade, era natural de Ponta Delgada e residia há anos em Lisboa.

Durante a sua permanência em Faro, deu largas ao seu espírito dinâmico como membro da Mesa da Santa Casa da Misericórdia e como Comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários, tendo sido notória a sua acção em ambas as instituições, onde prestou relevantes serviços.

Deixa viúva a nossa comproviciosa sr.^a D. Idalina Pereira de Ataíde Ferreira e era pai da sr.^a D. Maria Clotilde Pereira de Ataíde Ferreira Cabeçadas e dos srs. Manuel Pereira de Ataíde Ferreira, funcionário público e Fernando de Ataíde Ferreira, gerente da Agência do Banco Português do Atlântico em Lagos, e Dr. Carlos Pereira de Ataíde Ferreira, distinto clínico em Luanda; sogro do sr. Dr. Manuel Soares Cabeçadas, ilustre Director Clínico do Hospital da Misericórdia e da Casa de Saúde e nosso estimado assinante e cunhado do sr. João da Costa Pereira, conceituado comerciante em Silves.

A morte do sr. Ataíde Ferreira foi em todo o Algarve muito sentida.

A família enlutada, endereça a «Voz de Loulé» sentidos pesames.

ENCARREGADO de pedreiros

Precisa-se, com conhecimentos de construção de Pontes em cimento armado

Resposta a esta Redacção

Alistamento de voluntários

TODOS os mancebos que tenham 18 anos completos em 1 de Março de 1957 e saibam ler, escrever e contar correctamente, podem ser alistados no Exército no ano de 1957, como voluntários, nos termos dos artigos 42.º e 43.º da Lei n.º 1961 de 1937.

Os requerimentos dos interessados dirigidos a Sua Ex.^a o Ministro do Exército, devem ser entregues até ao dia **10 de Dezembro** na Unidade ou Escola Prática em que desejem prestar serviço.

Para melhor esclarecimento das condições exigidas, devem os interessados dirigir-se ao Distrito de Recrutamento e Mobilização das áreas em que residam.

DEPOIS de escrito o último artigo sob este título é que conseguimos ler o livro do Dr. Joaquim da Silva Portugal «A alimentação na exploração dos gados», que um veterinário nos tinha indicado como sendo aquele que nos poderia elucidar sobre o valor alimentar das várias forragens.

Na verdade deve dizer-se que o autor dedica muito mais atenção aos cereais, como a cevada, a aveia, o centeio, o milho, a fava, a soja, a lentilha, o gero, a ervilhaca, etc., do que às nossas alfarrobas.

Apenas na *tabela da composição química e valor forrageiro dos alimentos*, é que, entre 218 alimentos diferentes, diz — e numa simples linha, dum quadro enorme — quais os números correspondentes à alfarroba (1 kg. de trituração corresponde a 1 unidade forraginosa) enquanto o mesmo peso de aveia contém 0,98 de unidades forraginosas, de cevada 1,05, de milho 1,11, de semente de trigo, 0,79, etc., etc., etc.

Felizmente que a *Vida Rural*, de 23/9/1956 veio dar uma ajuda, descrevendo o valor forraginoso da alfarroba, em comparação com o dos outros alimentos concorrentes, como sejam o feno espontâneo, a farinha de bolota crua com casca e a cevada.

No que o estudo da «Vida Rural» *errou* foi na avaliação da produção nacional da alfarroba, em 18 mil toneladas, visto que a estimativa das 4 últimas campanhas, segundo a delegação de Faro da Junta Nacional das Frutas, foi a seguinte:

1951/52	35.000 toneladas.
1952/53	40.000 »
1953/54	30.000 »
1954/55	20.000 »

A produção média anual, desde 1951 até 1954, foi pois de 31.250 toneladas de alfarrobas.

Seria para desejar que os inquéritos do Instituto Nacional de Estatística se estendessem também às alfarrobas, tal como fazem para os cereais concorrentes da alfarroba, e que são, em média anual, nos anos de 1954/56, os seguintes: cevada, 83.821 toneladas; aveia, 92.259 toneladas; milho 401.708 toneladas.

Antes de terminar, dese-

jamos informar que a exportação de triturado de alfarroba, de 1951 até 1954, foi em média de 18.821 toneladas, ficando no País, para as rações alimentares, cerca de 9.304 toneladas de triturado de alfarroba por ano, visto que às 31.250 toneladas indicadas se abateram 10% do peso da semente.

O leitor desculpar-nos-á a leitura de tantos números...

Mas a verdade é que a leitura do artigo sob o título *Vida Rural*, publicado neste jornal em 16 do mes findo, abriga-nos a insistir na propaganda do valor real das alfarrobas, na alimentação do gado, como já se disse, com o fim de, quanto possível, aumentar o rendimento dos pequenos proprietários e dos seus assalariados — e evitar a sua emigração e, por consequência, uma carencia de braços que vai tornar mais precária a nossa agricultura.

Esta propaganda poderia ser levada a efeito pelos Grémios da Lavoura, através da sua Federação e pelo Grémio dos Exportadores de Frutos do Algarve em conjugação com a Junta de Província a quem este estudo compete nos termos do artigo 311º do Código Administrativo.

Note-se, porém, que entendemos a valorização dos nossos produtos agrícolas é apenas um dos meios para evitar o fenómeno da emigração — e em certos casos é uma arma de 2 gumes...

Existem outros factores económicos a ponderar.

E se o leitor quizesse acompanhar-nos na leitura de um que veio publicado nos dias 19. 27 e 29 de Setembro findo e 8 do corrente mês, no jornal «Novidades», sobre a criação da Escola Comercial e Industrial de Loulé e o fomento industrial do nosso concelho, poderíamos tirar algumas conclusões de interesse para a terra que a todos viu nascer.

Lisboa, 10/X/56.

A. Sousa Pontes

COM ou sem a vossa colaboração de agora, pode ser que a D.C.T. vos salve um dia a vida.